

ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO: A BAHIA NA OBRA DE XAVIER MARQUES

Gilberto Ferreira Sena Junior

Mestrando em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

E-mail: gilbertosenajr@hotmail.com

Palavras-chave: Tradição. Literatura. Xavier Marques. Baianidade. Representação.

Considerações Iniciais

A transição do século XIX para o XX é marcado na Bahia pela busca da intensificação dos discursos que objetivavam criar uma identidade própria que a diferenciasse do restante da nação brasileira. A necessidade de se estabelecer essa diferença é marcada, principalmente, pela situação de clara decadência pela qual passava a Bahia em todo o século XIX e que veio agravar-se com o surgimento da República, que acaba por acelerar ainda mais o distanciamento da Bahia com o centro de decisões do poder, que a partir de então concentrava, quase que exclusivamente, no eixo Rio de Janeiro - São Paulo.

Diante deste quadro, a saída encontrada pelas elites baianas na tentativa de resgatar sua importância no cenário nacional foi à busca por uma individualização identitária, através do apelo a tradições históricas ligadas a Bahia, que resgatasse a importância histórica do povo baiano na construção do país. Nesse sentido, Rinaldo Leite (2005) afirma que,

O reforço das tradições, das potencialidades e das qualidades baianas pretendia constituir os elementos de uma identidade regional que, ao ser promovida, mostrava a Bahia e os baianos como elementos imprescindíveis na construção da nacionalidade, fosse na dimensão simbólica, fosse no efetivo exercício de influência e poder políticos. Daí o surgimento dos materiais que se arrogavam o objetivo de fazer a propaganda da Bahia. Divulgar as virtudes se tornou um meio de exortar os baianos a lutar pela retomada da posição prestigiosa que conheceram um dia, assim como representava uma cobrança aos detentores do poder republicano para que devolvessem a Bahia ao lugar supostamente merecido (LEITE, 2005, p. 299).

O repertório de ideias e imagens utilizado para construir uma identidade positiva de Bahia, e, ao mesmo tempo, atestar a sua importância na formação da nacionalidade brasileira, foi composto de múltiplas referências, sendo baseado nas raízes e tradições históricas, nas

potencialidades reveladas pelas riquezas guardadas pela terra e na posse de certos dons e talentos peculiares que caracterizavam apenas a sua gente (sobretudo as suas elites). Termos como “Athenas Brasileira”, “berço da civilização brasileira”, “alma *mater*”, dentre outros, eram utilizado como referências ao “lugar” que a Bahia deveria assumir frente à nação brasileira (LEITE, 2005).

Neste universo, as elites intelectuais, que acabaram assumindo o papel de protagonista desse processo de afirmação-reafirmação das peculiaridades da terra e de seu povo frente ao imaginário social coletivo, buscavam resgatar uma imagem da Bahia que destacasse seu papel como elemento fundamental na construção da nação brasileira, destacando em especial os papéis desenvolvidos pela Bahia na época colonial e imperial. Conforme ressalta Lizir Arcanjo Alves (2000),

Do período colonial herdou-se, pois não apenas o discurso do louvor mas também esse sentimento de orgulho de uma terra preferida, ocupando sempre um primeiro plano. A literatura que aí vai ser produzida não deixará de reconhecer e reproduzir essa tradição. As lutas de 1822-23 completarão o caráter de uma Bahia definitivamente assumida como “bela e heróica”, do que resultam para a literatura duas vertentes temáticas recorrentes: o louvor da paisagem e o culto da memória histórica local (ALVES, 2000, p. 281).

As belezas naturais da cidade do Salvador e o resgate a história local tornaram-se objeto contínuo de admiração e representação literária e artística por parte da intelectualidade baiana, que acabou por criar uma “aura de magia” na cidade. Contudo, para além da criação de uma imagem positiva, este louvor à Bahia assume um caráter de “afrontamento à política nacional” a partir de meados do século XIX, pois,

Os literatos baianos não buscavam louvar propriamente a pátria brasileira, mas especificamente a pátria baiana, compreendida como parcela eminente do conjunto da nação. A poesia, o teatro, a vida das instituições culturais aí criadas atestam a fixação desse ponto de vista dos homens de letras (ALVES, 2000, p. 281-282).

E é exatamente nesse universo que se insere a produção literária de Francisco Xavier Ferreira Marques¹, que através da construção de suas obras literárias buscou destacar os elementos de tradição característicos da Bahia, que serviriam para contrapor as imagens

¹ Xavier Marques é considerado como um dos principais escritores do cenário nacional de seu tempo, chegando a alcançar um prestígio sem paralelo entre os escritores baianos da época (com exceção de Rui Barbosa e Afrânio Peixoto). Membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e da Academia de Letras da Bahia, Xavier Marques buscou traduzir na escrita a sua visão de mundo sobre a sociedade baiana de sua época.

negativas que se produziam acerca do estado no novo centro de poder do país. Podemos afirmar que as obras de Marques se caracterizam pela tentativa de resgatar os elementos caracteristicamente tradicionais da trajetória baiana no cenário de estabelecimento e criação de uma identidade nacional brasileira, sendo que toda a sua produção, quando não diretamente, tem como pano de fundo o destaque de elementos que buscam reafirmar a longa tradição da Bahia e de sua gente frente à formação do estado nacional brasileiro.

Para visualizarmos essa produção, buscamos destacar duas obras desse autor, que trazem em suas estruturas elementos tipicamente ligados à tradição baiana, os romances *Uma Família Baiana* (1888) e *O Sargento Pedro* (1910). No primeiro, Marques realiza uma análise da sociedade baiana das últimas décadas do século XIX, a partir da história de uma família pertencente à classe alta. No segundo, temos a descrição das aventuras da guerra de independência na Bahia, a partir da participação de elementos populares, homens comuns que se transformam em heróis da trajetória da libertação da nação do domínio português. Contudo, o que nos chama a atenção nessas obras é a forma como Marques busca destacar, em todo o transcorrer de suas obras, as qualidades inerentes à população baiana, bem como as belezas naturais do estado.

O romance *Uma Família Baiana* e as representações de baianidade

O romance *Uma Família Baiana* é a obra que marca a estreia de Xavier Marques (1888) na literatura baiana,² publicada em 1888, este romance se baseia, em primeiro plano, na história da família do personagem *coronel Antunes do Lago*, e busca, de modo geral, analisar a estrutura da sociedade baiana de sua época. Através do romance, Xavier Marques (1888) realiza a descrição da cidade da Bahia, de sua estrutura geográfica, a divisão entre as cidades baixa e alta, além de descrever também suas construções históricas (como igrejas e fortes).

Através da utilização de personagens que iriam servir como uma caricatura da sociedade baiana de sua época, Xavier Marques (1888) busca revelar nessa obra as estruturas de comportamento que caracterizavam a teia de relações da sociedade soteropolitana do período, utilizando-se das relações sociais presentes na sociedade baiana de sua época para conferir mais veracidade a sua narrativa.

² Apesar de não ser necessariamente a primeira obra escrita pelo autor, pois este já havia lançado um livro de poesias em 1884, intitulado *Temas e variações*, o romance *Uma Família Baiana* representa seu ingresso na prosa, estilo que o consagraria como um dos maiores escritores baianos de sua época.

Contudo, o que nos interessa mais diretamente nesta narrativa de Xavier Marques é a forma como o autor busca captar as características da sociedade baiana de sua época, em especial nos momentos em que ele se utiliza da narrativa para realizar uma espécie de destaque das tradições e qualidades que iriam caracterizar a Bahia e sua população, retratando-a como “bela e heróica” e realizando o “louvor a paisagem local”.

O autor trata de iniciar a obra com o personagem do *coronel Antunes* recebendo uma carta de seu amigo paulista *Luciano Pires*, informando-lhe que pretendia muito em breve, fazer-lhe uma visita na Bahia.

Passou este a referir os projetos do seu amigo: uma viagem á Bahia, simples recreação de millionario aborrecido, a quem tudo começa a faltar no meio da abundancia de tudo. Luciano Pires demoraria aqui um mez, dois mezes, conforme influíssem-lhe os ares e impressionasse-o a *terra hospitaleira...* (MARQUES, 1888, p. 3-4). (Grifo nosso.)

Aqui podemos perceber que logo no início da narrativa o autor já busca destacar qualidades inerentes ao local onde se desenrolaria toda a trama, visto que o visitante paulista pretendia permanecer na Bahia o tempo que “influíssem-lhe os ares e impressionasse-o a terra hospitaleira”.

Essas referências às belezas e qualidades físico-naturais que destacariam as terras baianas são repetidas ao longo de toda a narrativa, buscando criar no leitor uma espécie de contemplação acerca de certos atributos que seriam um privilégio desta localidade. Essa perspectiva pode ser percebida, por exemplo, através da impressão que o paulista *Luciano Pires* tem da cidade do Salvador, vista do mar, quando este se aproxima para o desembarque,

O paquete lançando as ancoras já soffria uma especie de cerco que lhe punham os saveiros avidos de passageiros.
[...] Luciano Pires dispondo-se a desembarcar exprimia deante de alguns companheiros de viagem a impressão agradabilíssima que lhe fizera a vista da cidade que ia dentro em pouco conhecer (MARQUES, 1888, p. 18-19).

A descrição sobre a forma como o visitante paulista vê a cidade do Salvador é bastante sugestiva, pois serve para demonstrar que a cidade causava em seus visitantes, mesmo quando observada de longe, uma espécie de deslumbramento pelas suas qualidades naturais. Essa visão da cidade através dos olhos do personagem “forasteiro” é precedida por uma longa descrição desta pelos olhos (e palavras) do próprio narrador da trama, o que nos remete a ideia de que o próprio Xavier Marques assume a responsabilidade direta de destacar as qualidades da sua terra, não se restringindo apenas as palavras de seus personagens. O narrador também

descreve a cidade do Salvador a partir de sua visualização do mar, que na época representava o principal meio de acesso à cidade, esta narração se desenrola da seguinte forma,

Glorioso e radiante vinha rompendo o sol dos cimos da montanha, quando o paquete, sulcando as águas da bahia, demandava o ancoradouro.
[...] Em certos dias o observador de bordo que entre a barra de Santo Antonio tem difficuldade, em chegando a certa altura, para avistar todo o panorama da Bahia. Esse embarço contraria-o tanto mais quanto atravez da maranha de mastros, vergas, tubos de vapores, cordames e pannos elle adivinha perspectivas seductoras, trechos de paisagens formosíssimas, onde exhubera a mais pujante natureza tropical, variegada por uns toques brandos que lhe augmentam a riqueza dos tons e multiplicam os aspectos da tela.
Na manhã a que me refiro, graças á rareza dos navios, ficava quasi completamente descoberta aos olhos do viajante a face encantada da *princeza das montanhas* (MARQUES, 1888, p. 13-14).

Utilizando-se de uma seleção de epítetos como “princesa das montanhas”, “pedaço de natureza virgem encrava no centro da cultura urbana”, ou referindo-se a forma como a vista da cidade do Salvador, cercada por uma natureza intocada e exuberante, remetia a ideia de uma “princesa [que] surgia assim mais bela do seu banho sem fim”, o autor busca criar no receptor da mensagem uma espécie de deslumbramento acerca das imagens idílicas que a cidade representava.

Xavier Marques (1888) buscou em todo o desenvolvimento do romance expor a cidade do Salvador através de suas qualidades físicas, assim, ao longo de toda a narrativa podemos localizar diversas referências a esta qualidade peculiar que a natureza dispensou a cidade do Salvador, que não coincidentemente foi a “primeira terra do Brasil”, a “primogênita de Cabral”.

A cidade figura subir do mar encosta acima, por escalões de terra amparados por muros, que são outros tantos baluartes. Onde a escarpa talhou-se mais a pique, ahí se arrimou ella em uma muralha; onde se poude lanhar o solo, por ahí sobe transversalmente, mettendo-se pela terra; e assim vae ella vingando temerariamente os alcantis, equilibrando-se em terraplenos, segurando-se com garras de pedra e cal, até vencer as cumeadas, donde parece desvanecer-se vaidosa da sua difficil ascensão. (MARQUES, 1888, p. 17-18).

Basicamente, durante todo o desenvolvimento desta narrativa Xavier Marques busca construir um discurso para representar a Bahia, pautado na valorização do seu passado histórico, a fim de traçar um paralelo entre a ideia de uma Bahia atrasada e velha, e uma Bahia símbolo de uma tradição e de um passado de glórias, configurando assim, em sua narrativa, um discurso que marcou a ideia de baianidade nesse período.

O Sargento Pedro e as tradições da independência

Outro elemento utilizado por Xavier Marques e que representa uma importante faceta dos discursos utilizados pelas elites intelectuais baianas na Primeira República para individualizar seu estado e consolidar uma identidade própria era o resgate da participação da Bahia nas lutas pela independência do Brasil, simbolizado no seu romance *O Sargento Pedro*.

Diversos nomes de importância no cenário social e político da Bahia deste período empenharam-se em divulgar esta faceta da história do estado no cenário tanto interno quanto externo, pois ao mesmo tempo em que se buscava o resgate/divulgação dos feitos inerentes as lutas de independência no cenário interno do estado, feito realizado principalmente através da imprensa escrita (jornais, revistas e, até, romances da época), se buscava também inserir tais ideais na imprensa externa, principalmente na imprensa sulista (Rio de Janeiro e São Paulo), que agora representava o campo onde se desenvolvia o “jogo do poder”, ou seja, buscava-se demonstrar no novo centro político do país a importância histórica da Bahia na construção da nação brasileira.

Dentre vários representantes da elite intelectual baiana do período que atuaram diretamente nesse projeto de reafirmação das lutas de independência na Bahia, Xavier Marques merece um destaque especial, pois além de ser membro de comissão executiva organizada em 1919³ para dirigir as festas do *Dois de Julho*, Marques também é responsável pela publicação de diversos ensaios e artigos sobre o papel da Bahia na independência do Brasil. Sendo seu romance *O Sargento Pedro*, lançado originalmente em 1910, premiado neste ano pela Academia Brasileira de Letras, é considerado por boa parte da crítica especializada como umas das obras mais importantes nesse projeto.

Segundo Wlamyra Albuquerque (1999), foram produzidos na Bahia, nos primeiros anos da República, diversos discursos, conferências e romances que tinham como objetivo recriar as lutas de independência e destacar o papel representado pela então província da Bahia na efetivação da independência do Brasil. A autora afirma que nessas interpretações se buscava criar um paralelo entre a realidade vivida pela Bahia durante a guerra pela independência, com sua participação efetiva nas batalhas e o seu tributo de sangue à liberdade da nação, com a realidade vivida no sul do país, onde o fim do domínio de Portugal sobre a

³ Esta comissão, formada por Xavier Marques e outros intelectuais como Braz do Amaral, Teodoro Sampaio, Bernardino de Souza e Pimenta da Cunha, tinha como objetivo dirigir o planejamento das celebrações das festas do Dois de Julho que completariam cem anos; comemoração que deveria servir como um elemento de “redenção da Bahia” frente aos demais estados da nação.

Brasil teve apenas “os vivos e outras explosões de fácil ardor, do que não custa sacrifícios nem esforços, nem acarreta perigos” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 111).

Esses discursos que buscavam destacar os elementos de tradição baiana tiveram, durante o período imperial, o objetivo de legitimar o poder monárquico, pois se buscava enfatizar a participação tanto de populares, como de senhores de terra e até escravos no processo de conquista da liberdade política da nação. Contudo, com o surgimento da República e a colocação da Bahia numa situação periférica em relação ao poder, a tentativa de resgate deste passado glorioso da Bahia serviria, principalmente, como uma forma de contrapor a situação de desgaste e perda de importância do estado no cenário nacional.

O romance *O Sargento Pedro* (1910), é inspirado nos episódios da guerra de independência da Bahia (1822-23), e tem como protagonista um indivíduo comum, carpinteiro naval da Ilha de Itaparica, que luta pelo ideal de libertação da nação brasileira do domínio estrangeiro, mas que busca, acima de tudo, salvar sua casa e sua família. Ao utilizar-se de um protagonista anônimo, como os milhares que tomaram parte nestas batalhas, Marques é responsável por desenvolver uma narrativa pautada, acima de tudo, na tentativa de resgate de valores que serão atribuídos à coletividade do povo baiano, como coragem, força, iniciativa, dentre outras, e que tem como objetivo maior servir como contraponto a realidade política que se encontrava o Estado nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX.

O personagem *Pedro*, que de voluntário nas fileiras do batalhão patriótico é alçado à condição de sargento devido à sua bravura e coragem no desenrolar das batalhas, é utilizado pelo autor como um símbolo do indivíduo comum, dos milhares de cidadãos que lutaram nas batalhas e representa a coletividade dos baianos e sua dedicação na construção de uma pátria livre do jugo estrangeiro. Para Wlamyra Albuquerque (1999),

Na versão de Xavier Marques, assim como Pedro, toda a população baiana empenhou-se na conquista da soberania política do país. Pois, de “todos os lados corriam” os brasileiros para as batalhas, “ébrios de alegria, apanhando mochilas e armas”. Os alegres combatentes baianos foram descritos pelo autor com voluntários obstinados dispostos a livrar o país dos “sanguinários” portugueses. Eram heróis nacionais capazes de se tornar “colunas vivas e inabaláveis” para conquistar a emancipação política do Brasil (ALBUQUERQUE, 1999, p. 111).

Jorge Araújo (2008, p. 19) chama a atenção para a forma como Xavier Marques consegue dispor, em “tons neo-românticos o pano de fundo histórico” que ele utiliza como referência central no *Sargento Pedro*, seguindo uma estrutura que lembra a produção de José

de Alencar. Assim como Wlamyra Albuquerque, Jorge Araujo (2008) afirma que Xavier Marques se utiliza, neste romance, da criação de um herói a partir de um indivíduo, o personagem *Pedro*, que irá representar a coletividade da sociedade baiana. Esse indivíduo servirá como um ideal para representar as multidões de anônimos da guerra de independência, e ao mesmo tempo, resgatar/criar em seus contemporâneos um ideal de superioridade histórica da Bahia perante o conjunto da nação brasileira, pois “nenhum outro Estado pagou com tanto sangue o tributo à liberdade da nação brasileira” (ARAUJO, 2008).

Dentro desta perspectiva, a característica mais marcante no romance *O sargento Pedro* são as repetidas referências à coragem do indivíduo baiano e como estes se comportaram durante toda a campanha de independência. A referência tomada pelo autor é centrada no papel desenvolvido pelos baianos da Ilha de Itaparica, mas que servem como alusão ao papel desempenhado por toda população do estado (província à época da independência). Como percebemos através das colocações de *Pedro* em um diálogo travado com o seu pai *Andre* e outros pescadores, onde há o destaque as possibilidades de enfrentamento do inimigo estrangeiro que porventura vierem a invadir suas terras, ameaçando suas famílias e residências.

[...] Eu digo que nenhum homem desta Ponta das Baleias deve se esconder ou fugir e deixar que a maruja do general tome conta disto sem mais nem menos. Retirem-se as mulheres com seus meninos pequenos, retirem-se os velhos que já não têm sangue nas veias... Vá. Mas fiquem os que podem pelejar... [...]

-Se não, p'ra que foi que os antigos fizeram acolá no pontal um forte? p'ra que foi que elles arrumaram lá taiita peça e tanta bala? Alguma serventia aquillo tem. Não é p'ra quem está de fora chegar, aboletar-se, pegar no morrão e dizer aos donos da terra: «Vocês ou desoccupam o sitio ou fica tudo espichado no chão». Não. Foi p'ra quem está dentro sahir á frente do intruso e gritar á boca cheia: «Alto lá ! ou arreda ou morre!» (MARQUES, 1921, p. 61-62).

O entusiasmo de *Pedro* na defesa de sua terra, de sua família e do local onde vivam e trabalhavam, serve como uma alusão à coragem do indivíduo comum, aquele que representa a coletividade baiana, e que deveria servir como referência para toda a construção de um imaginário acerca do indivíduo brasileiro, principalmente se considerarmos que no período em análise (a Primeira República), um dos principais elementos destacados era a necessidade da construção de uma identidade que abarcasse a coletividade da nação, e que representasse a ideia de brasileiro nato.

As referências ao desejo de defesa de seus lares, no caso específico a Ilha de Itaparica, repetem-se por diversas vezes no desenrolar da obra, não sendo exclusividade do herói da trama, ao contrário, servindo como um elemento que caracteriza toda a sua população. Assim, podemos perceber através das afirmações de outro personagem, o tenente *Taneco*, que num diálogo travado na oficina de carpintaria de *Pedro*, onde se reuniam diversos indivíduos, expressa a seguinte opinião sobre as possibilidades de embate entre os brasileiros da Ilha e os portugueses,

[...] O tenente Taneco falou para todos no estaleiro:

-Levamos aqui só a pensar nas bravatas do lusitano. Deixal-o... Olhem para alli. São barco que vêm de Jaguaripe com mantimentos para os nossos, que estão se reunindo na villa de Cachoeira. O que nos falta é embarcação artilhada para acompanhá-los... Mas Lima já seguiu...

-Se elle é nosso...

Pedro confirmou:

-A mim o disse no alambique.

-Então? E nós, continuou o tenente, a quebrar a cabeça com os brigues e as escunas... Que venham! Não ha um regimento na ilha? Pelo que me toca, estou no meu posto e daqui não me arredo... comtanto que haja soldados p'ra pegar nas granadeiras. Nasci para morrer um dia, portanto... (MARQUES, 1921, p. 94-95).

Assim como podemos perceber nas palavras do personagem *Taneco* e *Pedro*, os baianos da Ilha de Itaparica estavam dispostos a lutar contra qualquer inimigo que ameaçasse suas famílias e lares. Porém, apesar da disposição para a defesa de seus pares, a população da Ilha não dispunha de condições materiais, tampouco humanas, para enfrentar um exército profissional como o lusitano instalado na cidade do Salvador. A disparidade entre as forças é uma questão bastante debatida no desenvolvimento da narrativa de Xavier Marques, e serve como uma espécie de elemento que irá inserir ainda mais dramaticidade e, conseqüentemente, glória a vitória dos baianos.

Xavier Marques (1921) destaca também que a guerra nunca foi uma ação exclusiva dos homens de Salvador, do Recôncavo ou mesmo da Ilha (local onde se desenrola a narrativa em questão), pois, mesmo tomando como referência os indivíduos destas localidades, o autor, faz questão de destacar a participação de indivíduos de outras localidades do estado (então província), como por exemplo, os reforços que “acabavam de chegar à fortaleza [da Ilha] os patriotas de Valença, de Nazareth e Cachoeira” (MARQUES, 1921, p. 270).

Essa referência à participação de baianos de outras localidades serve como um elemento que busca criar uma identificação de todos os habitantes da Bahia com suas tradições, haja vista que o objetivo central da recuperação dos elementos históricos era criar

uma espécie de longa tradição identitária que englobasse toda a diversidade da Bahia, e reunisse sobre um passado comum de glórias, todos os seus habitantes.

O romance se encerra com as comemorações da vitória brasileira sobre os inimigos estrangeiros, destacando-se a entrada triunfante das forças nacionais na Ilha e, em especial, a participação popular nas lutas pela independência, demonstrando a “altivez de homens que se fazem livres pela virtude única dos seus braços e da própria vontade” (MARQUES, 1921, p. 312). A entrada na Ilha dos voluntários que se dedicaram as lutas é seguida da entrega de uma bandeira nacional e da leitura de uma proclamação escrita pelo general Labatut (comandante geral do exército pacificador), exaltando a coragem e a luta do povo da Ilha pela liberdade e independência da nação brasileira, nação que “ha de vir a ser a primeira do globo!”.

-Recebei, valentes defensores de Itaparica essa bandeira nacional do independente Brasil; certo fico de que até aqui os vossos feitos têm sido espantosos... Ah! como o não serão, encarando vós esta insígnia que lembra a liberdade civil e a indenpendencia de uma nação que há de vir a ser a primeira do globo!...

O carpinteiro perdia-se mim vago e deslumbrado scismar, com a intuição d’essa pátria vasta, livre e *primeira*, a desdobrar-se, como o prolongamento das praias da ilha, para além das suas aguas de esmeralda que murmuravam perto, ás abas do fortaleza de S. Lourenço.

-Eia! Itaparicanos! continue a mostrar aos nossos inimigos que tendes por divisa e é o vosso timbre -Independência ou Morte... (MARQUES, 1921, p. 316).

Considerações Finais

Percebemos que, de uma maneira geral, estes romances de Xavier Marques têm como objetivo principal resgatar elementos que ajudassem no estabelecimento de um orgulho identitário na população baiana (e sobre esta, já que sua narrativa não se destinava apenas ao público interno), com a clara intenção de contrapor a situação de decadência em que se encontrava a Bahia.

Basicamente, esse discurso pautado no resgate do elemento tradicional atua como um projeto de desenvolvimento de uma identidade local/regional para a Bahia. Pautando-se na tentativa de criar um paralelo entre um passado de gloria e um presente marcado por uma situação de abandono e perda, as elites baianas, tentavam buscar num passado histórico os elementos que iram conduzir a Bahia novamente a uma posição de destaque no cenário nacional.

Conforme destaca Rinaldo Leite, “a motivação para o resgate desse tipo de memória era dupla: por um lado, havia a saudade de um tempo considerado glorioso, que se desejava repetir; por outro lado, servia como referência comparativa em relação ao presente, que se desejava refazer” (LEITE, 2005, p. 298). Desta forma, as elites baianas da Primeira República buscavam se apresentar como os legítimos herdeiros de uma longa tradição de serviços patrióticos prestados a nação, configurando-se, desta forma, um discurso que requeria o estabelecimento de uma condição mais favorecida da Bahia (e que deveria necessariamente ser exercida pelos representantes dessas elites) na alta administração e na vida política da nação brasileira.

Referências

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *Algazarra nas ruas: comemorações da independência na Bahia (1889-1923)*. Campinas: Unicamp, 1999.

ALVES, Lizir Arcanjo. *Os tensos laços da Nação: conflitos político-literários no Segundo Reinado*. 2000. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Floração de imaginários: o romance baiano do século XX*. Itabuna: Via Litteratum, 2008.

LEITE, Rinaldo César Nascimento. *A Rainha Destronada: Discursos das Elites sobre as Grandezas e os Infortúnios da Bahia nas Primeiras Décadas Republicanas*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MARQUES, Xavier. *Uma Família Baiana*. Bahia: Imprensa Popular, 1888.

_____. *O Sargento Pedro*. 2. ed. Bahia: Livraria Catilina, 1921.